colecção memória do abismo 5

ANTONIN ARTAUD

A ARTE E A MORTE

ANTONIN ARTAUD

A ARTE E A MORTE

HIENA EDITORA

A arte e a morte

Antonin Artaud

Tradução de Aníbal Fernandes

HIENA EDITORA

Apartado 2481
1112 LISBOA CODEX

Título original:
L'ART ET LA MORT

Autor: ANTONIN ARTAUD

Título em português:
A ARTE E A MORTE

Tradução: ANÍBAL FERNANDES

Capa: AUGUSTO T. DIAS

Orientação gráfica: LUIS GATO

Tiragem: 1000 exemplares

Lisboa, Julho de 1985

Marselha é quem decide a chama para incendiar o futuro e singular espectáculo; mal ousará referir-se esta cidade toda complicada em labirintos, porto de mar, para citar outra, a mesma, ponto de partida de um apocalipse, o gelo de fogo e sangue que ele, Artaud, não deixará nunca — em 52 anos — de viver. **(Nada me lembra nascer em Marselha na noite de 3 para 4 de Setembro de 1896, como diz o meu registo, mas lembra ter debatido lá um problema grave, num local que nem sei, localizado em qualquer parte entre o espaço e um mundo sinistro, fortuito, invisível, grotesco e pavorosamente inexistente.)** Muito menino oferece-lhe, Marselha, a meningite; e esse período de gaguez, de horrível contracção de língua e nervos faciais que aos dezanove, já no ópio, é que se acalma; oferece-lhe a casa de repouso, a tropa que o dispensa — tão intrigada com o desenho de uma saúde esquisita, o sonambulismo que percorre, indisciplinado, as casernas.

Depois, o Paris de 1920 é Max Jacob, é André Masson, é Michel Leiris, é Dubuffet. E a mulher do Doutor Toulouse, psiquiatra e pai, mais tarde diria impressionada: «Entendi logo que tinha à frente um ser excepcional ao máximo, da raça que tem dado Baudelaires, Nervais, ou Nietzsches.» Por isto, argúcia de mulher que ronda consultórios e em casa exerce poderes paralelos e satisfeitos, lhe coloca o Doutor Toulouse uns versos, uns artigos, o leva ao **Tric-Trac du Ciel** editado a expensas da Galeria Simon.

A Gallimard de 1923 — com menos anos a mesma que hoje tutela a sua obra exaustivamente completa — à mão de Jacques Riveère recusa-lhe poemas e dá-lhe conselhos de bom comportamento literário. Artaud pergunta: **Estará assim tão confusa a substância do meu pensamento, e a sua beleza geral tão pouco activa pelas impurezas e as indecisões que a salpicam, ao ponto de não chegar** literalmente **a existir? O problema do meu pensamento é que se encontra, todo ele, em jogo.** E confessa: **Dou perfeitamente conta das paragens e dos solavancos dos meus poemas, que chegam a atingir a própria essência da inspiração e provêm da minha indelével impotência em concentrar-me sobre um objecto. Por fraqueza fisiológica, fraqueza que toca a própria substância daquilo que se chama, por convenção, alma e é emanação da nossa força nervosa coagulada em redor dos objectos.**

Do fracasso nasce a fulgurante ruptura. Artaud responde à Gallimard recusando tudo o que não seja o «completo abismo». Em 1925, o **Pèse-Nerfs** declara uma inabalável convicção. **(Já vos disse: nem obra, nem linguagem, nem palavra, nem espírito, nem nada. / Nada além de um belo Pesa-Nervos. / / Espécie de incompreensível estação muito direita ao meio de tudo no espírito.)** E em 1929 a resposta de uma descida a pique na carne, chamada **A Arte e a Morte.**

(O intervalo foi intenso de todas as revoltas. Artaud já deu o Não definitivo aos surrealistas quando se aproximaram, afoitos, do Partido Comunista **— Que tenho eu a ver com todas as Revoluções do mundo, se sei permanecer**

eternamente doloroso e miserável no seio do meu próprio ossário? — Já se entregou ao teatro com Charles Dullin e Pitoeff, já fundou o Teatro Alfred Jarry com Roger Vitrac e Robert Aron, já montou o **Sonho** de Strindberg que os surrealistas inviabilizaram com acções de sabotagem. Já foi Marat no **Napoleão** de Gance, o monge Massieu na **Paixão de Joana d'Arc** de Dreyer, o secretário Mazaud em **O Dinheiro** de L'Herbier.)

A poesia é, cada vez mais, uma multiplicidade triturada que se desfaz em labaredas. **E a poesia, que traz consigo a ordem, primeiro ressuscita a desordem, a desordem de aparências inflamadas; faz o entrechoque das aparências e converge-as num só ponto: fogo, acto, sangue, grito.** Artaud afirma isto no **Heliogábalo ou O Anarquista Coroado**, última obra que escreve antes de partir para o México, onde vai participar com índios no rito do peyotl, passar através de homens e espaço para chegar, numa convulsão, a si próprio.

Quando regressa traz sinais muito visíveis de uma «loucura», ou seja, virtude inflamada de oposição, de negação, do martírio; um apostolado de radical mudança. O episódio de Dublim, onde aparece a restituir o bordão de St. Patrick aos Irlandeses, onde se envolve em tumultos de rua, devolve-o compulsivamente à França. Artaud vai ser encarcerado 9 anos em manicómios para sair, em 1946, e viver mais dois de raiva contra Deus, contra o sexo, contra o seu corpo roído por um cancro no ânus, contra a sociedade que o suicidou.

Da sua missão de escritor, resta-lhe uma impotência. **É preciso acabar, de igual forma, com o Espírito e a literatura. Digo que o Espírito e a vida comunicam em todos os graus. Eu queria fazer um livro que incomodasse os homens, que fosse como uma porta aberta capaz de os levar lá, aonde não teriam nunca consentido ir, uma porta que chegasse pura e simplesmente a comunicar com a realidadde.** Dos seus livros antigos resta-lhe uma estupefacção: **Na altura pareceram-me cheios de fendas, falhas, chatezas e como que recheados de espontâneos abortos. Vinte anos depois deixam-me estupefacto, não de êxeito que me diga respeito, mas que respeita ao inesprimível.**

Um sobressalto de extralucidez fá-lo escrever ainda **Van Gogh o Suicidado da Sociedade, Artaud le Mômo, Para Acabar de Vez com o Juízo de Deus.** A 4 de Março de 1948 é encontrado morto, sentado ao pé da cama. E horas mais tarde dá-se o roubo de todos os seus livros, das suas notas, dos seus manuscritos.

Um ano antes, Artaud vencera resistências de um corpo que se desfazia para o derradeiro espectáculo de si no Teatro do Vieux Colombier, numa conferência de «violências extremas», como disse Breton, «que espumavam uma completa orgia verbal e manifestavam uma tensão interna da mais impressionante espécie, que nada poderá impedir de nos deixar perturbados durante muito tempo.» André Gide também lá esteve e não pôde deixar de senti-lo como um instante desses, capazes de marcar com singular incómodo a vida de quem o sofreu. Num texto escrito mais tarde, homenageou-o. E que bem, pensando sobretudo que é Gide, pensando sobretudo que é Artaud. Homenageou-o assim:

> No fundo da sala — nessa velha sala querida do Vieux Colombier que dava para cerca de trezentas pessoas — meia dúzia de

folgazões tinha aparecido à sessão na esperança de umas graçolas. Oh! Nem duvido que fossem apertados — pelos amigos fervorosos de Antonin Artaud distribuídos na sala. Mas não: depois de uma tentativa tímida de fazer chinfrim, mais razão não houve para se intervir... Assistimos todos a um prodigioso espectáculo que era: Artaud a triunfar, a inspirar respeito à galhofa, à estupidez insolente; a dominar...

Eu conhecia há muito tempo Artaud, e a sua miséria e o seu génio. Pois mais admirável do que nunca ele me pareceu. Do ser material já só restava o expressivo. A grande e desengonçada silhueta, o rosto consumido numa labareda interior, aquelas mãos de quem se afoga estendidas para um auxílio indefinível, ou torcidas numa angústia, ou envolvendo as mais das vezes estreitamente a sua face, a ocultá-la e logo depois a mostrá-la, tudo nos falava da miséria humana abominável, uma espécie de maldição implacável que apenas encontrava fuga num lirismo furioso e só capaz de atingir o público por cintilações imundas, imprecatórias e cheias de blasfémia.

Também ali se encontrava, claro está, o maravilhoso actor que o artista poderia vir a ser; no entanto, o que ele ofertava ao público era a sua própria personagem, e fazia-o com uma espécie de cabotinismo sem vergonha onde uma autenticidade total transparecia. A razão deitava-se a bater em retirada; e não só a sua como da assembleia inteira, de nós todos, espectadores daquele drama atroz, reduzidos ao papel de malévolos comparsas, meias-tigelas, cascas-grossas. Oh! Nem uma só pessoa, na assistência, tinha vontade de rir. Forçava-nos a entrar no seu jogo trágico de revolta contra tudo aquilo que nós admitíamos e para ele, mais puro, era inadmissível.

Nós ainda não nascemos.
Ainda não estamos no mundo.
O mundo ainda não existe.
As coisas ainda não estão feitas
Nem foi encontrada a razão de ser...

Ao sair da memorável sessão, o público calou-se. Podia dizer-se o quê? Acabávamos de ver um homem miserável atrozmente sacudido por um deus, como se estivesse no limiar de uma gruta profunda, antro secreto da sibila onde se não tolera nada profano, onde era exposto um **vates** como num Carmelo poético, oferecido a implacáveis iras, aos abutres devoradores, ao mesmo tempo sacerdote e vítima... Sentia-se vergonha do regresso a um lugar no mundo, onde o conforto se constrói de compromissos. — **ANDRÉ GIDE.**

A. F.

QUEM, NO SEIO...

Quem, no seio de certas angústias, no âmago de alguns sonhos não conheceu a morte como sensação que despedaça e é maravilhosa, que se não pode confundir com nada na lei do espírito? Só tendo conhecido essa aspirante maré de angústia de ondas que aparecem a bater-nos e fazem inchar como accionadas por insuportável bofetada. A angústia que chega e se afasta cada vez mais espessa, cada vez mais pesada e farta. É o próprio corpo no limite de distensão e forças e que assim mesmo deve chegar mais longe. É uma espécie de ventosa que assentou na alma, de acidez que escorre como um vitríolo até aos derradeiros marcos do sensível. E a alma sem recurso, ao menos, para se quebrar. Porque a própria distensão é falsa. Por tão pouco não é possível contentar a morte. Essa distensão no plano físico é como que invertida imagem de um aperto que deve ocupar o espírito **ao correr de todo o corpo vivo.**

Este suspiro que pára é o último, realmente o último. É tempo de fazer contas. O minuto tão receado, temido, imaginado ali está. Vamos, de facto, morrer. Dá-se atenção e medida ao nosso fôlego. E o tempo imenso desaba inteiro no seu limite, tão decidido que é impossível não se dissolver sem rasto.

Morre, osso de cão. E bem sabemos que o teu pensamento se não consumou, não terminou, e seja qual for o sentido em que te voltes não **começaste** ainda a pensar.

Não faz mal. — O medo que desaba em ti vai deixar-te esquartelado na medida do impossível, pois há, bem sabes, que passar ao outro lado e nada existe em ti que esteja preparado para ele, nem sequer este corpo, e sobretudo este corpo

que vais abandonar sem lhe esquecer a matéria, a densidade, a impossível asfixia.

E vai ser exactamente como um sonho mau onde estás fora do local do teu corpo, depois de o teres arrastado até lá e ele ter-te feito sofrer e esclarecer com ensurdecedoras sensações de amplitude sempre menor ou maior do que tu, onde já não pode satisfazer-se nada no sentimento que conservas de uma antiga orientação terrestre.

E é assim mesmo, e é assim para sempre. No sentir de tal desolação e mal-estar indescritível que grito, digno de um ladrar de cão em sonhos, te revolta a pele e dá na garganta um nó, num desvario de insensato afogamento. Não, não é verdade. Não é verdade.

Mas o pior é que é verdade. E ao mesmo tempo que esta sensação desesperante de veracidade onde julgas que voltas a morrer, que vais morrer pela segunda vez (Vais dizê-lo a ti próprio, dizer alto que morres. Vais morrer: **Vou morrer pela segunda vez.**), uma qualquer humidade de água de ferro ou pedra ou vento vai refrescar-te incrivelmente e aliviar o pensamento, imagine-se, e tu próprio escorres, a escorrer vais adaptar-te à morte, ao teu novo estado de morte. E essa água que corre é a morte, e mal olhas em paz para ti mesmo, registas as novas sensações, é porque a grande identificação começa. Estavas morto e agora dás contigo outra vez vivo —, MAS ACONTECE, DESTA VEZ, QUE SÓ.

Acabo de descrever uma sensação de angústia e sonho, angústia a deslizar no sonho, quase como imagino que a agonia deve deslizar e consumar-se enfim na morte.

Em todo o caso não podem tais sonhos mentir. Não mentem. E estas sensações de morte postas em fila, esta sufocação, este desespero, estas sonolências, esta desolação, este silêncio, vamos vê-los na suspensão ampliada de um sonho, com a impressão de ter perpetuamente atrás de nós uma face da realidade nova?

Fique a saber-se, porém, que ao fundo da morte ou do sonho volta a existir angústia. E essa angústia, como um elástico que estica e nos dá de repente na garganta, não é desconhecida nem nova. A morte aonde nos metemos sem dar conta, o encolhimento em bola do corpo, essa cabeça — tem de passar, ela

que continha a consciência e a vida e por isto a sufocação suprema, e por isto a rasgadela superior — passar, também ela, pela abertura mais pequena possível. Mas sabe angustiar até ao limite dos poros, e esta cabeça, à força de tanto se agitar e em terror voltar, tem de ideia, de sensação, que inchou e ganhou forma o seu pavor, deu sob a pele rebentos.

E ao cabo e ao resto nada tem de novo, a morte, pelo contrário excessivamente conhecido; sim, terminada essa destilação de vísceras o que vemos não é a imagem de um pânico já sentido? Ao que parece, a própria força do desespero restitui certas situações da infância em que a morte aparecia tão clara e como uma derrota de contínuo fluxo. A infância conhece repentinos acordares do espírito, dilatações inteiras do pensamento que uma idade mais avançada volta a perder. Em certos medos pânicos da infância, nalguns grandiosos e não raciocinados terrores que têm latente a sensação de ameaça extra-humana, é incontestável que a morte surge

como o rasgar de uma membrana próxima, como o levantar de um véu que é o mundo ainda informe e pouco seguro de si.

Quem não traz de memória ampliações inauditas com carácter de realidade toda mental, e que aliás não espantariam nada, oferecidas, verdadeiramente entregues, à floresta dos seus infantis sentidos? Dilatações impregnadas de um saber perfeito que tudo embebe, cristalizado, eterno.

E que estranhos pensamentos ele sublinha, com que desfeito meteoro reconstitui os átomos humanos.

A criança vê reconhecíveis processões de antepassados onde referencia as origens de toda a semelhança conhecida de homem a homem. O mundo das aparências ganha e transvasa no insensível, no desconhecido. Mas chegam as trevas da vida e estados como estes já só se encontram daí em diante ao sabor de uma lucidez anormal de todo e devida, por exemplo, aos estupefacientes.

Daqui a utilidade imensa dos tóxicos para libertar, sobreelevar o espírito. Mentiras ou não sob o ponto de vista de um real que já sabemos como se não deve ter em muito caso, pois o real só é uma das mais transitórias e menos reconhecíveis faces da realidade infinita, pois o real iguala-se à matéria e apodrece com ela, sob o ponto de vista do espírito os tóxicos

adquirem a superior dignidade que os transforma em auxiliares os mais próximos e mais subtis da morte (*).

Esta morte amordaçada onde a alma se agita para regressar a um estado enfim completo e permeável,

onde nem tudo é choque, acuidade de uma confusão que delira e raciocina sem parar sobre si própria, embaraçando-se nos fios de uma confusão ao mesmo tempo insuportável e melodiosa,

onde nem tudo é indisposição,

onde o lugar mais ínfimo não está constantemente reservado à maior fome de um espaço absoluto e desta vez definitivo,

onde repentinamente surge, sob esta pressão de paroxismos, a sensação de um plano novo,

onde esta alma que se agita e desfaz ao fundo de uma confusão sem nome sente como em sonhos a possibilidade de acordar a um mais claro mundo, depois de perfurar já nem sabe

(*) Afirmo — e agarro-me a esta ideia da morte não ficar fora do domínio do espírito, dentro de certos limites e com uma certa sensibilidade ser susceptível de conhecimento e aproximação.

Tudo o que abandona o domínio da percepção ordenada e clara ao nível das coisas escritas, tudo o que visa criar uma desordem das aparências, introduzir uma dúvida na posição das imagens do espírito em relação umas às outras, tudo o que desordena a relação entre as coisas conferindo ao perturbado pensamento um aspecto mais vasto ainda de verdade e violência, tudo isto oferece à morte uma saída, põe-nos em contacto com os mais refinados estados do espírito em cujo interior a morte se exprime.

Por isto quem sonha sem deplorar os seus sonhos, sem trazer uma sensação de atroz nostalgia desses mergulhos em fecunda inconsciência, é porco. O sonho é verdadeiro. Todos os sonhos são verdadeiros. Tenho a sensação de asperezas, paisagens como que esculpidas, pedaços de terra ondulantes cobertos por uma espécie de areia fresca cujo sentido quer dizer: «pesar, decepção, abandono, ruptura, quando é que voltamos a ver-nos?» Nada faz lembrar tanto o amor como o apelo de certas paisagens vistas em sonho, como o que rodeia certas colinas e é uma espécie de argila material cuja forma diríamos moldada pelo pensamento.

Quando é que voltamos a ver-nos? Quando é que o sabor terroso dos teus lábios voltará a roçar a ansiedade do meu espírito? A terra é como que um turbilhão de lábios mortais. A vida escava-nos à frente o abismo de todas as carícias que faltaram. Que fazer ao nosso lado do anjo que não soube aparecer? As nossas sensações serão todas intelectuais de vez, e os nossos sonhos não chegarão a incendiar-se numa alma cuja emoção nos vai ajudar a morrer? Que morte será esta onde nunca estamos sós, onde o amor não sabe mostrar-nos o caminho?

que barreira — e vê-se numa luminosidade onde os seus membros podem enfim distender-se, lá onde as paredes do mundo parecem infinitamente quebráveis.

Essa alma poderia renascer mas no entanto não o faz; pois apesar de aliviada sente que ainda sonha, se não adaptou ainda a esse estado de sonho com o qual não chega nunca a identificar-se.

Neste momento do seu mortal devaneio, o homem vivo chegado à frente da muralha de uma identificação impossível recolhe com brutalidade a sua alma.

E lá o temos outra vez jogado à nudez plana dos sentidos, numa luz sem antros.

Fora da musicalidade infinita das ondas nervosas, presa da ilimitada fome da atmosfera, no frio absoluto.

... ...

CARTA À VIDENTE

Para André Breton

Senhora:

Sei que habita um quarto pobre, misturada à vida. Seria inútil querer ouvir murmurar o céu nas suas vidraças. Nada, nem aspecto,. nem ar, conseguem separá-la de nós, mas não sabemos que puerilidade mais profunda do que a experiência nos incita a golpear-lhe sem descanso a cara, e até chegar aos laços que lhe prendem a vida.

De alma dilacerada e suja, sabe a senhora que só assento perante si uma sombra, mas não temo esse terrível saber. Sei que a senhora. está em todos os pontos essenciais de mim próprio e muito mais perto do que a minha mãe. E é como se eu estivesse nu à sua frente. Nu, impudico e nu, hirto e como que aparição de mim mesmo mas sem vergonha, pois ao seu olhar que me percorre vertiginosamente as fibras não tem o mal nenhum pecado.

Nunca me achei tão exacto, tão plano, tão seguro mesmo além do escrúpulo, da malignidade toda que dos outros ou de mim próprio me chega, e também tão perspicaz. A senhora acrescentaria a ponta de fogo, a ponta de estrela ao fio trémulo da minha hesitação. Nem julgado, nem a julgar-me, inteiro sem fazer nada, integral sem me esforçar a isso; excepto a vida, era a felicidade. E sem mais temer enfim que a minha língua, a minha grande língua excessivamente grossa, a minha língua minúscula, fugisse para a mentira, mal precisava de animar o pensamento.

Apesar disso entrei na sua casa sem terror, sem sombra da mais trivial curiosidade. E no entanto a senhora era mestra

e oráculo, teria podido surgir-me como a verdadeira alma e o Deus do meu destino pavoroso. Poder ver e dizer-mo! Que nada de sujo ou secreto fique no escuro, todo o escondido se mostre, o reprimido se exponha enfim a esse belo e exposto olhar de um juiz completamente puro. Do que sabe discernir e prescreve mas na verdade ignora que nos pode deprimir.

A luz perfeita e branda onde não sofremos mais da nossa alma, que o mal no entanto infestou. A luz sem crueldade nem paixão onde se não revela mais do que uma atmosfera única, atmosfera de uma piedosa e calma, de uma preciosa, fatalidade. Sim, ao ir a sua casa eu já não receava, senhora, a minha morte. Morte ou vida, eu já não via mais do que um grande lugar plácido onde as trevas do meu destino iam dissolver-se. Eu estava realmente salvo, isento de toda a miséria, pois mesmo a miséria futura me era suave se acaso, **por impossível**, eu tivesse no futuro a recear miséria.

A minha sorte já me não era mais a estrada coberta que só pode, quase, reter o mal. Eu tinha vivido na sua apreensão eterna, e à **distância** sentia-a muito perto e desde sempre aninhada em mim. Nenhum violento remoinho me perturbava antes de tempo as fibras, a má sorte já me atingira de mais e perturbara. As minhas fibras já só registavam um bloco uniforme e brando. E pouco importava que as mais terríveis portas abrissem à minha frente, se o terrível estava todo atrás de mim. E de igual forma o tormento, o próximo futuro só me atingia como discórdia harmoniosa, série de invertidos e escavados cumes que em mim se iam esbater. Na verdade, a senhora só podia anunciar-me o nivelamento da vida.

Mas esta certeza profunda, agarrada à minha carne, não seria o mais tranquilizante de tudo; a sensação, sim, da uniformidade de todas as coisas. Um magnífico absoluto. Por certo eu aprendera a chegar-me até à morte, e por isto as coisas todas, mesmo as mais cruéis, já só me apareciam com o seu aspecto de equilíbrio, numa perfeita indiferença de sentido.

Mas havia mais. É que este sentido indiferente, quanto a imediatos efeitos na minha pessoa, era assim mesmo colorido em qualquer coisa de bem. Eu ia até si com um optimismo integral. Optimismo que não era vertente do espírito mas provinha desse conhecimento profundo do equilíbrio onde a minha

vida inteira se banhava. A minha vida futura equilibrada pelo meu passado terrível, e a introduzir-se na morte sem balanços de maior. Eu **sabia** com antecedência a minha morte como consumação de uma vida enfim plana, e mais suave do que as minhas melhores recordações. E a realidade aumentava a olhos vistos, ampliava-se até este conhecimento soberano onde o valor da vida presente se desmancha com as pancadas da eternidade. Já não era possível que a eternidade me não vingasse deste obstinado sacrifício de mim próprio, e do qual eu não participava. E o meu futuro imediato, o meu futuro a partir desse minuto em que eu penetrava pela primeira vez no seu círculo, senhora, esse futuro também pertencia à morte. E, senhora, o seu aspecto foi-me desde o primeiro instante favorável.

A emoção de saber era dominada pela sensação da infinita brandura da existência (*). Nada de mau para mim podia cair

---

(*) Nada posso contra isto. Era a sensação que eu tinha à frente d'Ela. A vida era boa porque esta vidente ali estava. A presença desta mulher era para mim um ópio, mais puro, mais leve apesar de menos **sólido** do que o outro. Mas muito mais profundo, mais vasto e capaz de abrir outros arcos nas células do meu espírito. Este activo estado de trocas espirituais, esta conflagração de mundos imediatos e minúsculos, esta iminência de vidas infinitas cuja perspectiva esta mulher me abria, finalmente me apontavam uma saída à vida, e uma razão de estar no mundo. Pois só podemos aceitar a Vida desde que seja **grande**, nos saibamos sentir na origem dos fenómenos, pelo menos de uns tantos entre eles. Sem poder de expansão, sem um certo domínio sobre as coisas, é indefendível a vida. Uma só coisa é exaltante no mundo: o contacto com os poderes do espírito. Perante esta vidente, um bastante paradoxal fenómeno entretanto se deu. Já não tenho necessidade de ser poderoso, nem vasto, a sedução que ela sobre mim exerce é mais violenta do que o meu orgulho, uma certa curiosidade momentaneamente me basta. Estou prestes a abdicar de tudo perante ela: orgulho, vontade, inteligência. Sobretudo inteligência. Esta inteligência que é toda a minha firmeza. Claro que não falo de uma certa agilidade lógica do espírito, do poder de pensar depressa e criar esquemas rápidos nas margens da memória. Falo de uma penetração que é muitas vezes a longo prazo, sem necessidade de ser materializada para se contentar a si própria e que denuncia profundas visões do espírito. À fé de uma destas penetrações coxas e as mais das vezes sem matéria (e que **eu próprio** não tenho) é que sempre pedi que me dessem crédito, fosse--me embora dado cem anos esse crédito e o resto do tempo houvesse que aceitar silêncio. Sei dos limbos onde encontrar esta mulher. Aprofundo um problema que me aproxima do ouro, de toda a matéria subtil, problema abstracto como a dor que não tem forma e treme e se volatisa ao conctar com os ossos.

desse olhar azul e fixo que a senhora usava para inspeccionar o meu destino.

Toda a vida se me fazia esta feliz paisagem onde os sonhos que volteiam se apresentam com face igual à do nosso eu. A ideia do conhecimento absoluto confundia-se com a ideia da semelhança absoluta entre a vida e a minha consciência. E desta semelhança dupla eu extraía a sensação de um nascimento bem próximo, onde a senhora seria mãe indulgente e boa, ainda que a divergir do meu destino. Já nada me parecia misterioso nessa vidência anormal onde os actos da minha vida passada e futura iam encontrar expressão em si, senhora, com sentidos prenhes de advertências e analogias. Eu sentia que o meu espírito comunicava com o seu, quanto ao **rosto** de tais advertências.

Mas na verdade, senhora, que bicharia de fogo (1) é essa que, de um momento ao outro, se mete dentro de si e através de que artifício de inimaginável atmosfera? Porque a senhora **vê**, realmente, não obstante estarmos rodeados pelo mesmo e bem ostensivo espaço.

O horrível, senhora, está na imobilidade destas paredes, destas coisas, na familiaridade dos móveis que a cercam, dos acessórios da sua arte de adivinha, na indiferença tranquila da vida em que a senhora, como eu, participa.

E os seus vestidos, senhora, esses vestidos que tocam **uma pessoa que vê.** A sua carne, todas as suas funções enfim. Não posso fazer-me à ideia de sabê-la sujeita às condições do Espaço, do Tempo, saber que as necessidades corporais lhe pesam. A senhora devia ser muito muito leve para o espaço.

E por outro lado iria aparecer-me tão linda, e de uma graça de tal modo humana, de tal modo quotidiana. Linda como qualquer dessas mulheres de quem espero o pão e o espasmo, e que me elevam a um corporal limiar.

Aos olhos do meu espírito a senhora é sem limites e sem paragens, absoluta e profundamente incompreensível. Sim, como pode acomodar-se à vida, a senhora que tem à mão o dom de ver? E essa longa estrada toda plana onde a sua alma passeia como um balancim, e onde eu vou ler, e ler bem, o futuro da minha morte.

---

(1) **Feu**, em francês, tanto significa «fogo» como «defunto», o que confere à frase uma ambiguidade não transmissível em português. (N do T.)

Sim, ainda há homens que conhecem a distância que vai de um sentimento a outro, que sabem criar patamares e paragens aos seus desejos, sabem afastar-se dos desejos e da alma para depois entrarem falsamente lá, e como vencedores. Há esses pensadores que esforçadamente fazem um cerco aos pensamentos, nos sonhos introduzem enganadoras aparências, há os sábios que desenterram leis com sinistras piruetas!

Mas amaldiçoada, desprezada, sobrevoante, a senhora deita fogo à vida. E à força de fazer ranger os céus a roda do Tempo aparece, de repente, inflamada.

A senhora agarra em mim muito pequeno, varrido, repudiado, e com desespero igual ao seu, e depois levanta-me, tira-me deste lugar, deste falso espaço onde nem a senhora se digna fazer o gesto de viver, pois já alcançou a membrana do seu próprio repouso. E esse olhar, essa visão sobre mim mesmo, esse olhar único e desolado que é toda a minha vida, a senhora fá-lo exaltar-se e dar voltas sobre si próprio, e ora aí está como uma germinação luminosa, feita de delícias sem sombras, vem reavivar-me como um misterioso vinho.

HELOÍSA E ABELARDO

À frente dele a vida fazia-se pequena. Apodreciam lugares inteiros do seu cérebro. O fenómeno era conhecido mas não simples, na verdade. Abelardo não lhe apresentava o seu estado como uma descoberta, mas ele escrevia enfim:

Caro amigo,

Sou gigante. E que culpa tenho se sou cimo onde as mastreações mais altas tomam seios como velas, enquanto as mulheres sentem o sexo duro como um calhau rolado. Pela minha parte não posso impedir-me de sentir todos estes ovos rolarem e mexerem debaixo dos vestidos conforme a hora e o espírito. A vida vai e vem e aos poucos lá segue numa calçada de seios. De um minuto para o outro a face do mundo se altera. À volta dos dedos enrolam-se as almas com o seu estalado de mica, e entre placas de mica é que Abelardo passa, pois há acima de tudo a erosão do espírito.

As bocas de macho morto riem todas ao sabor dos dentes, nas arcadas da sua dentição virgem ou carregada de fome e plaqueada de imundícies, como a armadura do espírito de Abelardo.

Mas neste ponto Abelardo cala-se. Nele, agora, só anda o esófago. Claro que se não trata aqui do apetite do canal vertical, com a sua paixão de grande fome, mas da formosa árvore de esguia prata ramificada de vénulas feitas para o ar, tendo à volta folhagens de pássaros. Numa palavra, a vida estritamente vegetal e constrangida onde as pernas têm um

andar mecânico, e os pensamentos são como altos e concentrados albatrozes. A passagem dos corpos.

O espírito mumificado liberta-se. A vida nobremente enfaixada levanta a cabeça. Terá chegado a vez do grande degelo? Poderá o pássaro romper a embocadura das línguas, irão os seios ramificar-se e a pequena boca voltar ao sítio? Conseguirá a árvore de sementes furar o ossificado granito da mão? Sim, há uma rosa na minha mão, e só isso basta para a minha língua rodar. Oh, oh, oh, que leve estou de pensamento. De espírito que me não excede o tamanho da mão.

Acontece é que também a Heloísa tem pernas. O mais belo é que tenha pernas. E tem ainda aquela coisa como um sextante marinho, à volta da qual toda a magia roda e germina, aquela coisa como um gládio deitado ao comprido.

Mas acima de tudo o que a Heloísa tem é um coração. Um belo coração direito todo aos ramos, tenso, hirto, granuloso, por mim trançado, prazer profuso, catalépsia da minha alegria!

Tem mãos que envolvem livros em cartilagens de mel. Tem seios de carne crua, tão pequena que a ser premida faz enlouquecer; tèm seios em dédalos de fio. Tem um pensamento todo para mim, um insinuante e retorcido pensamento que se desenrola como um fio de casulo. Tem uma alma.

No seu pensamento sou agulha que corre e a sua alma é quem recebe essa agulha e a consente, e eu na minha agulha melhor estou do que os outros todos na cama, pois faço na minha cama andar o pensamento e a agulha pelos meandros do casulo adormecido.

Porque a ela é que eu volto sempre pelo fio deste amor que não tem limites, deste amor espalhado pelo universo. E nas mãos rebenta-me crateras, rebenta-me dédalos de seios, rebenta-me explosivos amores que a vida sabe ganhar-me ao sono.

Mas por que transes, por que sobressaltos, por que deslizares sucessivos ele chega a esta ideia da fruição do seu espírito. A verdade é que Abelardo agora frui do seu espírito. E frui ao máximo. Já nem à esquerda nem à direita se pensa. Está ali. É tudo dele o que se passa nele. E nele, neste momento,

estão a passar-se coisas. Coisas que o dispensam de procurar-se. O ponto principal é esse. Já não precisa de estabilizar os átomos. Eles voltam a juntar-se sozinhos, estratificam-se num ponto. O seu espírito reduz-se todo a uma série de subidas e descidas, mas sempre com uma descida ao meio. Tem coisas.

Os seus pensamentos são folhas formosas, superfícies planas, sucessões de nódulos, aglomerações de contactos entre os quais desliza sem esforço a sua inteligência: lá vai ela. Porque a inteligênca é isto: contornar-se. Já se não põe o problema de ser fino ou débil e de longe se juntar, abraçar, repelir, separar.

Desliza por entre os seus humores.

Vive. E as coisas rodam nele como sementes no crivo.

O problema do amor simplifica-se.

Que importa ser menos ou mais, uma vez que pode mexer-se, deslizar, evoluir, reencontrar-se e sobrenadar.

Reencontrou o jogo do amor.

Mas entre o que pensa e sonha quantos livros!

Quantas perdas. E entretanto o que fazia do coração? É espantoso que lhe sobre, coração.

Realmente está ali. Está como medalha viva, como arbusto ossificado de metal.

E o nódulo central é esse.

Heloísa, essa tem um vestido, é bela de face e fundo.

E vai daí ele sente-se exaltação das raízes, a maciça, terrestre exaltação, e no bloco da terra que roda o pé sente-se massa do firmamento.

E grita, o Abelardo, como que transformado em morto, e ao sentir o seu esqueleto estalar e vitrificar-se, o Abelardo, na extremidade vibrante e no mais alto do seu esforço:

«Deus é aqui vendido, acode-me ó lamento dos sexos, ó calhaus rolados de carne. Não há desculpa, não peço nenhuma desculpa. O vosso Deus não passa já de chumbo frio, estrumeira dos membros, lupanar dos olhos, virgem do ventre, leitaria do céu!»

E então exalta-se a leitaria celeste. Fica nauseado, o Abelardo.

A sua carne põe-lhe a rodar um lodo cheio de escamas,

sente-se de pêlo duro, ventre obstruído, de membro a ficar líquido. A noite levanta-se toda semeada de agulhas e ELES cortam-lhe a virilidade, numa tesourada repentina.

E dobra além o seu vestido, Heloísa, e põe-se completamente nua. Tem um crânio branco e leitoso, seios tortos, pernas finas, e dentes que fazem um ruído de papel. É tola. Veja-se bem que esposa, a deste Abelardo o castrado.

O CLARO ABELARDO

Na vidraça do seu espírito a crosta murmurante do céu risca sempre os mesmos sinais apaixonados, as mesmas cordiais correspondências que talvez pudessem salvá-lo de ser homem se acaso consentisse em salvar-se do amor.

Tem de ceder. Já não vai aguentar-se. Cede. Forçado por este fervilhar melódico. O seu sexo bate: murmura um vento tormentoso, de ruído mais alto do que o céu. O rio leva cadáveres de mulher. Serão Ofélia, Beatriz, Laura? Não, tinta de escrever, não, vento, não, canaviais, margens, ribas, espuma, flocos. Já não há represa. Do seu desejo é que Abelardo fez represa. Na confluência do impulso melódico e atroz. É Heloísa arrastada, levada até ele — E COM MUITO INTERESSE NISSO.

Veja-se a mão de Erasmo como semeia no céu um rinchão de loucura. Ah! Que estranha colheita. O movimento da Ursa fixa o tempo no céu, fixa o céu no Tempo, neste lado invertido do mundo onde o céu nos dá a cara. Imensa igualização.

E porque o céu tem face é que Abelardo tem um coração onde tantos astros germinam soberanamente e fazem o seu membro crescer. No fim da metafísica há este amor todo pavimentado a carne, todo a queimar de pedras, nascido no céu depois de voltas e mais voltas de um rinchão de loucura.

Abelardo, porém, afugenta o céu como se fosse moscas azuis. Derrota estranha. Desaparecer por onde? Depressa, meu Deus! Um buraco de agulha. O buraco de agulha mais pequeno por onde não possa Abelardo voltar a preocupar-nos.

Faz um tempo estranhamente bom. Porque só pode agora haver bom tempo. A partir de hoje Abelardo já não é casto.

A apertada cadeia dos livros partiu-se. Renuncia ao coito casto que Deus **autoriza.**

Que suavidade o coito! Mesmo humano, mesmo aproveitando o corpo da mulher, que imediata e seráfica volúpia! O céu à mão da terra, menos belo do que a terra. Um paraíso encastrado nas suas unhas.

Mas o apelo das iluminações siderais, mesmo subindo ao alto da torre, não vale o espaço de uma coxa de mulher. Abelardo não é o sacerdote para quem o amor é tão claro?

Como é claro o coito, como é claro o pecado. Tão claro. Que gérmenes, como são brandas estas flores ao desfalecido sexo, como as cabeças do prazer são vorazes, como o prazer espalha no auge do orgasmo as suas papoilas. Papoilas de sons, papoilas de dia e música, rapidíssimas, como que um magnético arrancar de pássaros. O prazer toca uma melodia afiada e mística no fio de um esfiado sonho.. Oh! Este sonho onde o amor consente em reabrir os olhos! Sim, Heloísa, em ti é que ando com toda a minha filosofia, em ti abandono os ornamentos, e em vez disto ofereço-te os homens cujo espírito treme e cintila em ti. — Que o Espírito se admire, já que a Mulher admira finalmente o Abelardo. Deixa brotar essa espuma de paredes radiosas e profundas. As árvores. A vegetação de Átila.

Ele tem-na. Possui-a. Ela sufoca-o. E cada página abre o seu arco e avança. Este livro, onde voltamos as páginas dos cérebros.

Abelardo cortou as mãos. A este desumano beijo de papel, que sinfonia de ora em diante é igual. Heloísa come fogo. Abre uma porta. Sobe uma escada. Alguém toca. Erguem-se os planos e suaves seios. A sua pele é muito mais clara nos seios. O corpo branco mas desbotado, pois nenhum ventre de mulher é puro. As peles são de bolorenta cor. Cheira bem do ventre, mas que pobre. E tantas gerações a sonhar com ele. Lá está. Como homem Abelardo consegue dominá-lo. Ventre ilustre. Que é e não é. Come a palha, o fogo. O beijo abre as suas cavernas aonde morre o mar. E veja-se o espasmo onde o céu concorre, uma espiritual coligação se desfralda, DE MIM CHEGADO. Ah! Já só me sinto vísceras, sem ponte do espírito por cima. Sem tantos sentidos mágicos, tantos segredos reunidos. Ela e eu.

Estamos realmente lá. Domino-a. Abraço-a. Uma última pressão me imobiliza, me congela. Sinto entre as coxas a Igreja a deter-me, a lamentar-se; irá paralisar-me? Vou-me retirar? Não, não, afasto a derradeira muralha. S. Francisco de Assis, que me guardava o sexo, afasta-se. Santa Brígida abre-me os dentes. Santo Agostinho desaperta-me o cinto. Santa Catarina de Sena adormece Deus. Acabou-se bem acabado, deixei de ser virgem. A muralha celeste caiu. Estou a ser tocado pela universal loucura. Escalo o meu orgasmo no mais alto éter.

Mas acontece que Santa Heloísa está a ouvi-lo. Ouve-o mais tarde, infinitamente mais tarde, e fala com ele. Uma espécie de noite ocupa-lhe os dentes. Entra a mugir nas cavernas do seu crânio. Com a mão toda ossinhos de formiga ela entreabre-lhe a tampa do sepulcro. Dir-se-á que em sonhos ouvimos uma cabra, mãe de crias. E se ela treme, ele treme ainda mais. Pobre homem! Pobre Antonin Artaud! Este impotente, na verdade, é quem faz uma escala pelos astros, quem tenta confrontar os pontos cardeais dos elementos com a sua fraqueza, quem, de cada subtil ou solidificada face da natureza, se esforça por compor um pensamento forte, uma imagem capaz de ficar de pé. Pudesse ele criar outros tantos elementos, fornecer ao menos uma metafísica de desastres, que o princípio seria a derrocada!

Heloísa deplora não ter tido no lugar do ventre uma muralha como aquela outra onde se apoiava quando era comprimida pelo dardo obsceno de Abelardo. A privação é para Artaud o começo desta morte que ele deseja. Que bela imagem, a de um castrado!

UCCELLO O PÊLO

A Génica

Uccello meu amigo, minha quimera, viveste com esse mito de pêlos. A sombra dessa grande mão lunar onde imprimes as quimeras do teu cérebro nunca chegará à flora do ouvido que volteia à esquerda e fervilha a todos os ventos do teu coração. À esquerda os pêlos, Uccello, à esquerda os sonhos, à esquerda as unhas, à esquerda o coração. À esquerda é que todas as sombras se abrem, naves, como orifícios humanos. Com a cabeça deitada nessa mesa onde soçobra a humanidade inteira, que mais vês além da sombra enorme de um pêlo. De um pêlo como duas florestas, como três unhas, como um relvado de pestanas, como um ancinho nas ervas do céu. Estrangulado o mundo, e suspenso, e a vacilar de vez sobre as savanas desta mesa plana onde reclinas o grande peso da cabeça. E ao pé de ti quando interrogas faces, que vês além de uma circulação de ramos, uma palissada de veias, o rasto minúsculo de uma ruga, a ramagem de um mar de cabelos. Tudo a rodar, tudo vibrátil, e de que vale o olho sem já ter pestanas. Lava, lava as pestanas Uccello, lava as linhas, lava o rasto incerto de pêlos e rugas nas faces enforcadas de morto que te olham como ovos, e na monstruosa palma da mão cheia de lua como luz de fel ainda tens o vestígio augusto dos pêlos que em traços finos como sonhos vão emergir no teu cérebro de afogado. De pêlo a pêlo quantos segredos e quantas superfícies. Mas dois pêlos lado a lado, Uccello. A linha ideal dos pêlos intraduzivelmente fina e por duas vezes repetida. Rugas há que dão volta às faces e seguem até ao pescoço, mas também existem debaixo dos cabelos, Uccello. E também podes dar a volta a

este ovo suspenso entre as pedras e os astros, que por si só contém a dupla animação dos olhos.

Ao pintares numa tela paciente o retrato de ti próprio e dos teus dois amigos, deixaste como que uma sombra de estranho algodão onde te avalio em remorso a dor, ó Paolo Uccello mal iluminado. As rugas são uma rede, Paolo Uccello, mas os cabelos são línguas. Num dos teus quadros vi, Paolo Uccello, na fosforosa sombra dos dentes a luz de uma língua. Com a língua é que chegas na tela inanimada à expressão viva. E por isto mesmo vivo enfaixado pela tua barba, Uccello, e de antemão me compreendias e definias. Tu que tens a rochosa e térrea preocupação da profundidade, bem-aventurado sejas. Viveste nessa ideia como em animado veneno. E andas à roda para sempre nos círculos desta ideia e vou perseguir-te sem nenhuma trégua, às cegas, tendo como fio a luz desta língua que oiço ao fundo de uma miraculada boca chamar-me. A rochosa e térrea preocupação da profundidade, a mim falho de terra em todos os graus. Conjecturaste a minha descida a este baixo mundo com a boca aberta e o espírito para todo o sempre assombrado. Conjecturaste esses gritos em todos os sentidos do mundo e da língua como se um fio desvairadamente dobado. A longa paciência das rugas é que pôde salvar-te da morte prematura. Pois de espírito, bem sei, nasceste tão oco como eu, mas espírito que ainda assim pudeste concentrar em muito menos do que um rasto e nascimento de pestana. Sem maior distância do que um pêlo, baloiças num abismo assustador embora estejas para sempre separado dele.

Porém abençoo, Uccello menino, pequena ave, luzinha esparsa, também te abençoo este silêncio tão bem implantado. À parte as linhas que empurras de cabeça como fronde de mensagens, só resta de ti o silêncio e o segredo de uma veste fechada. Dois ou três sinais no ar, que homem quer viver além dos três sinais e, durante as horas que o encobrem, não pensa pedir mais do que o silêncio que as precede ou segue. Eu sinto todas as pedras do mundo, e o fósforo do espaço que a minha passagem arrasta, fazerem através de mim o seu caminho. Constroem de uma sílaba negra as palavras nas pastagens do meu cérebro. E tu aprende, Uccello, a ser apenas linha e o andar mais alto de um segredo.

ONDE SE MALHAM AS FORÇAS

Este fluxo, esta náusea, estes loros, **aqui mesmo** é que o Fogo principia. O fogo de línguas. O fogo tecido em canotilhos de línguas, na cintilação da terra aberta como um ventre a dar à luz, com entranhas de mel e açúcar. De inteira e obscena ferida se fende porém a barriga mole, mais acima se fende o fogo em retorcidas e incendiadas línguas que nas pontas tanto trazem ventosas como sede. Retorcido fogo como nuvens na água límpida, ladeado pela luz que uma régua traça, e por pestanas. E a terra entreaberta em todo o lado e a mostrar segredos áridos. Segredos como superfícies. A terra e os seus nervos, e as suas solidões pré-históricas, a terra de primitivas geologias onde pedaços do mundo se descobrem numa sombra negra de carvão.— A terra é mãe debaixo do gelo do fogo. Vede nos Três Raios o fogo coroado por uma crina onde fervilham olhos. Miríades de miriápodes de olhos. O incendiado e convulsivo centro deste fogo é como a ponta esquartelada do trovão no firmamento mais alto. O centro branco das convulsões. Na grande refrega da força um absoluto em estilhaço. A ponta assustadora da força que vai partir-se num estrondo totalmente azul.

Os Três Raios formam um leque com ramos numa queda a pique e a convergirem para o mesmo centro. Centro que é leitoso disco coberto por uma espiral de eclipses.

A sombra do eclipse faz uma parede nos ziguezagues da elevada alvenaria do céu.

Mas acima do céu está o Cavalo Duplo. A evocação do Cavalo mergulha na luz da força, num fundo de parede gasta e esforçada até à corda. A corda do seu peitoral duplo. E o primeiro dos dois bem mais estranho é do que o outro. Concentra

o esplendor de que o segundo apenas é pesada sombra.

Ainda mais baixa do que a sombra da parede, a cabeça e o peitoral do cavalo fazem uma sombra, como se toda a água do mundo levantasse o orifício de um poço.

O leque aberto domina uma pirâmide de cristas, um imenso concerto de cimos. Uma ideia de deserto plana nos cimos onde um astro despenteado está horrível e inexplicavelmente suspenso. Suspenso como no homem o bem, ou no comércio de homem a homem o mal, ou na vida a morte. Força giratória dos astros.

Mas atrás desta visão de absoluto, deste sistema de plantas, estrelas, terrenos feridos até ao osso, atrás desta ardente floculação de gérmenes, desta geometria de investigações, deste sistema giratório de cimos, atrás deste plinto cravado no espírito e deste espírito que solta as suas fibras e descobre os sedimentos, atrás desta mão de homem que finalmente deixa impresso o polegar duro e desenha as suas hesitações, atrás desta mistura de manipulações e cérebro, e destes poços em todos os sentidos da alma, e destas cavernas que se abrem na realidade,

ergue-se a Cidade de oprimidas muralhas, a Cidade imensamente alta e sem ter do céu inteiro o que basta para um tecto onde cresçam plantas ao contrário e com velocidade igual à de arremessados astros.

Esta cidade de cavernas e muros que projecta arcos cheios e cavos como pontes no abismo absoluto.

Quiséssemos no interior dos arcos, nas arcadas dessas pontes, inserir o vazado de um ombro desmesuradamente grande, uma espádua de onde o sangue foge. E onde fervilham os sonhos descansar-lhe corpo e cabeça, no rebordo das cornijas gigantescas em que o firmamento assenta, camada sobre camada.

Porque em cima, onde correm nuvens brancas, há um céu de Bíblia. Porém amável, a ameaça de tais nuvens. Porém as tempestades. E aquele Sinai de onde eles deixam fagulhas saltar. Porém a sombra que a terra impõe, e a luz embaciada e cor de greda. Porém esta sombra que apareceu enfim com forma de cabra e este bode! E o Sabbat das Constelações.

Um grito que reúna tudo isto e uma língua para eu me enforcar ali.

Todos estes refluxos começam em mim.

Mostrai-me a inserção da terra, a charneira do meu espírito, o horrível início das minhas unhas. Levanta-se um bloco entre mim e a minha mentira, imenso e falso bloco da cor que quisermos.

Goteja ali o mundo como o mar rochoso, e eu com os refluxos do amor.

Ó cães, que acabastes de rolar na minha alma as vossas pedras. Eu. Eu. Voltai a página dos escombros. Também ando à espera do celeste saibro e da página já sem margens. Este fogo precisa de começar em mim. Este fogo e estas línguas, e as cavernas da minha gestação. Que os blocos de gelo venham naufragar-me nos dentes. Sou de crânio rude mas alma lisa, como um coração de matéria naufragada. Tenho ausência de meteoros, ausência de injúrias inflamadas. Na minha garganta procuro nomes e como que o cílio vibrátil das coisas. O cheiro do nada, um relento de absurdo, a estrumeira da morte total... O leve e rarefeito humor. Eu próprio já só espero o vento. E chame-se amor ou miséria, não vai naufragar-me em nenhum lado que não seja uma praia de ossos.

O AUTÓMATO PESSOAL

A Jean de Bosschère

Diz que me vê numa grande preocupação do sexo. Mas de sexo enfunado e tenso como um objecto. Objecto de metal e fervente lava, cheio de radículas, de ramos que o ar aceita.

A espantosa calmaria do sexo tão cheio de ferramentas velhas. Todo este ferro que em todos os sentidos capta o ar.

E acima a rebentação ardente, uma nodosa e rala ervagem que vai ganhar raiz no terreiro acre. E cresce então com uma gravidade de formiga, folhagem de formigueiro que vai escavando sempre o chão à sua frente. Cresce e escava, essa ramagem de negro tão atroz, e dir-se-á conforme escava que o solo foge, o centro ideal de tudo converge à volta de um ponto cada vez menor.

Mas este tremor todo num corpo exposto com os seus órgãos, as pernas, os braços que brincam numa rigidez de autómato, e à volta as rotundidades da anca que apertam, bem apertado, o sexo. Para estes órgãos onde a sexualidade aumenta, onde a eterna sexualidade ganha, dirige-se um voo de flechas lançadas fora do quadro. E tal como as ramagens no meu espírito também há esta barreira de um corpo e um sexo que ali está como uma página arrancada, um farrapo desenraizado de carne, como abertura de raio e trovão nas paredes lisas do firmamento.

Mas noutro lado há essa mulher de costas que representa muito bem a silhueta convencional da feiticeira.

De **peso** alheio a concepções e fórmulas. A abrir-se como um pássaro selvagem mergulha nas trevas que ela colhe à volta para fazer a si própria uma espécie de pesado manto.

Sinal tão forte é esta ondulação do manto, que basta a sua trivial palpitação para sugerir a feiticeira e a noite em que ela se desdobra. Noite em relevo e profundidade, e que se espalha na perspectiva iniciada pelo próprio olho em maravilhoso jogo de cartas como que suspenso em cima de uma água. Com a luz das profundezas a prender às cartas o canto. E um naipe de paus anormal de tão profuso a flutuar como asas de insectos negros.

Não terá bases de tanta solidez que afastem por completo ideias de queda. Dir-se-á que são primeiro patamar numa queda ideal de fundo disfarçado pelo próprio quadro.

Há uma vertigem que mal pode afastar na sua rotação as trevas, voraz descida a consumir-se numa espécie de noite.

E como a dar sentido todo a esta vertigem, a esta rodopiante fome, distende-se uma boca, e entreabre-se, diremos que empenhada em congregar os quatro horizontes. Boca como selo de vida para comentar as trevas e a queda, dar à vertigem uma irradiante saída que tudo escoa para baixo.

A avançada da noite fervilhante com o seu cortejo de esgotos. Veja-se pois onde esta pintura se instala, num ponto de efusão de esgotos.

Um vento que murmura agita as larvas perdidas que a noite reúne com uma cintilação de imagens. Pressente-se ali um esmagar de represas, uma espécie de horrível choque vulcânico onde a luz do dia foi dissociar-se. E desta pancada, deste rasgar de dois princípios, nascem todas as imagens futuras com impulso que é mais vivo ainda do que uma onda de fundo.

Afinal há nessa tela tantas coisas?

Há a força de um sonho estabilizado, tão duro como a carapaça de um insecto e cheio de patas espetadas a todos os sentidos do céu.

E em relevo nesta convulsão de bases, nesta aliança da luz enérgica com todos os metais da noite, como verdadeira imagem deste erotismo das trevas ergue-se o volumoso e obscuro vulto do Autómato Pessoal.

Grande ajuntamento e grande confusão de vozes.

Pendura-se de fios que acabadas só têm as presilhas, e a pulsão do ar é quem anima o resto do corpo. Colhe à volta a noite como erva, como num canteiro de pequenos ramos negros.

A oposição é aqui secreta, é como consequência de um escalpelo. Pendurada ao fio da navalha no invertido domínio das almas.

Mas volte-se a página.

Um andar mais alto é a cabeça. E uma explosão verde de grisu acutila e rasga o ar como um fósforo colossal, no sítio onde a cabeça não está.

E tal qual me vejo nos espelhos do mundo, ali me encontro parecido com uma casa ou mesa, pois foram para longe todas as parecenças.

Sendo possível atravessar o muro, que rasgo se não veria, que massacre de veias. Uma pilha de cadáveres vazios.

E tudo muito alto como um prato de lagostins.

Veja-se a que imagem tanto espírito conseguiu chegar.

Aliás sino de mau som, por este meu olhar ao sexo que não deixou ainda de me apetecer.

Depois de tantas deduções e derrotas, de todos estes cadáveres sem pele, depois dos avisos do negro naipe de paus, dos estandartes das feiticeiras, deste grito de uma boca na queda sem fundo, depois do meu choque nas muralhas, deste turbilhão de astros, deste emaranhado de raízes e cabelos, não se me fez a náusea tão forte que a experiência vá frustrar-se.

A muralha a pique da experiência não logra desviar-me da minha essencial delícia.

Apesar de tantos problemas, tantos medos, no fim do grito de revoluções e tempestades, no fim deste esmagamento do meu cérebro, neste abismo de desejos e perguntas, no recanto mais precioso da cabeça conservo esta preocupação do sexo que me petrifica e subtrai o sangue.

Que o meu sangue seja de ferro e escorregadio, sangue cheio de lameiros, que eu seja agredido por flagelos, por renúncias, contaminado, assediado por horrores e desagregações, desde que em mim persista a suave armadura de um sexo feito de ferro. Fi-lo construir de ferro, enchi-o de mel, e é sem-

pre o mesmo sexo posto ao centro do acidulado vale. O sexo onde convergem as torrentes, onde mergulham as sedes.

Cheias de raiva, sem serenidade nem perdão, as minhas torrentes fazem-se cada vez maiores e desaparecem, e eu somo-lhes durezas e ameaças de astros e firmamentos.

Esta pintura é como um mundo em carne viva, mundo nu cheio de filamentos e loros, onde a irritante força de um fogo dilacera o firmamento interior, o despedaçar da inteligência, onde a expansão das forças de origem, onde estados que nem podem nomear-se, aparecem de expressão mais pura, menos suspeita de alianças reais.

É a vida torturada da consciência a subir à luz com o seu lampejo baço e as suas estrelas, os seus covis, o seu firmamento,

com a vivacidade de um desejo puro,

com a chamada que ela faz a uma morte constante e bem próxima da membrana da ressurreição.

Lá está o corpo da mulher, obscenamente exposto; com ossatura de bosque. Imutável e fechado bosque. Bosque de um colérico desejo que o seu próprio exasperar congela numa cirúrgica e seca nudez. Primeiro as nádegas, e para trás todo o grande e maciço glúteo que lá está como traseiro de animal, onde a cabeça não tem mais valor do que um fio. Cabeça como ideia de cabeça, como expressão de um esquecido e desprezível elemento.

E à direita e em baixo, em salas de trás, em reservas, como ponta final do sinal-da-cruz.

Descrevo ainda o resto do quadro?

A simples aparição deste corpo sabe, ao que parece, situá-lo. Neste plano seco, mesmo à flor de superfície, há a profundidade inteira de uma perspectiva ideal que só no pensamento existe. Como um traçado de linhas vemos a listra de um corisco directamente riscado na terra e cartas a toda a volta num verdadeiro baile.

Em cima, em baixo, a Pitonisa, a Feiticeira como uma espécie de anjo, dragão meigo de face disforme. Todos os caracóis do espírito devoram o seu rosto abstracto e dão voltas como uma corda trançada.

Em cima, em baixo. Em cima com um rosto de múmia oca. Em baixo com a sua massa, a sua corpulência maciça e bem traçada. Lá está, como uma muralha de noite compacta, a atrair, a desdobrar a labareda das sulfurosas cartas.

Paus e copas sem fim, como tantos outros sinais, como tantos outros apelos.

Terei uma capa, terei uma veste?

Uma noite de fossa funda, uma escuridão cheia de tinta alarga as muralhas mal consolidadas.

A VIDRAÇA DE AMOR

Gostaria dela a cintilar de flores, com vulcões pequenos agarrados às axilas, e em especial dessa lava de amêndoa amarga e posta ao centro do seu corpo levantado.

Também havia uma arcada de sobrancelhas com o céu todo a passar por baixo, verdadeiro céu de violação, rapto, lava, tempestade, raiva, quer dizer céu teologal ao máximo. Um céu em arco alto como a trombeta dos abismos, como cicuta bebida em sonhos, um céu contido em todos os frascos da morte, o céu de Heloísa acima de Abelardo, um céu de apaixonado suicídio, um céu que tinha as raivas todas do amor.

Era um céu de pecado protestante, pecado que o confessionário retinha, pecado como os que pesam na consciência dos padres, verdadeiro pecado teologal.

E agradava-me.

Ela servia numa taberna de Hoffmann, mas criadinha devassa e ramelosa, devassa e mal lavada criadinha. Passava por água os pratos, fazia despejos e camas, varria quartos, sacudia baldaquinos e despia-se à frente da janela como todas as criadas de todos os contos de Hoffmann.

Nessa altura eu dormia numa cama miserável com um colchão que se empinava noite a noite, e se encarquilhava antes de uma avançada de ratos que vomitam o refluxo dos maus sonhos, e ao nascer do sol novamente se aplanava. Os lençóis tinham um cheiro a tabaco e necrotério, e esse odor de náusea e delícia que o nosso corpo reveste quando insistimos em cheirá-lo. Lençóis, numa palavra, como realmente são os de estudante apaixonado.

Eu laborava uma tese espessa, balbuciante, sobre os abor-

tos do espírito humano em exauridos limiares de alma que o espírito do homem não logra atingir.

Mas a ideia da criada vinha inquietar-me bem mais do que os fantasmas todos do excessivo nominalismo das coisas.

Via-lhe a imagem através do céu, através das vidraças rachadas do meu quarto, através das suas próprias sobrancelhas, pelos olhos de antigas amantes, e através do cabelo amarelo da minha mãe.

Era noite de S. Silvestre. O trovão estalava, os relâmpagos andavam, a chuva abria caminho, os casulos dos sonhos baliam, coaxavam rãs de todos os charcos. Para resumir, a noite funcionava.

Faltava-me agora um meio para chegar à fala com a realidade... Não bastava fazê-lo com a ressonância obscura das coisas e ouvir, por exemplo, os vulcões falarem, e o alvo dos meus amores revesti-lo com as seduções todas de um adultério antecipado, por exemplo, ou com todos os horrores, imundícies, escatologias, crimes, fraudes que à ideia do amor se ligam; só me faltava encontrar forma de chegar a ele directamente, quer dizer e sobretudo, **falar-lhe.**

De repente a janela abriu-se. Num canto do quarto vi um tabuleiro de damas imenso onde caíam reflexos de uma multidão de invisíveis lâmpadas. Cabeças sem corpo faziam danças de roda e chocavam, caíam como paus de um jogo de bola. E lá estava um enorme cavalo de madeira, uma rainha feita de morfina, uma torre de amor, um futuro século. As mãos de Hoffmann empurravam os peões. NÃO VENHAS PROCURÁ-LA AQUI, diziam eles todos. E no céu podiam ver-se anjos com asas nos pés niquelados. Saí da janela sem esperança de olhar para a criadinha querida.

Senti então, no quarto que ficava exactamente por cima, pés que acabavam de deixar esmagados os cristais dos planetas. Suspiros ardentes atravessavam o soalho, e ouvi o esmagamento de uma suave coisa.

Nessa altura toda a louça da terra começou a desabar e a clientela de todos os restaurantes do mundo saiu no encalço da pobre criada de Hoffmann; e vimo-la correr como uma maldita, e depois o Pierre Mac Orlan, esse meias-solas de botinas absurdas, passar com um carrinho de mão. Atrás de

guarda-chuva vinha o Hoffmann e depois o Achim von Arnim, e depois o Lewis ([2]) que passava de través. E finalmente a terra abriu-se e apareceu o Gérard de Nerval.

Era maior do que tudo. E também havia um homenzinho que era eu.

— Repare que não sonha — dizia-me o Gérard de Nerval — de resto veja o monge Lewis, que sabe tão bem o que faz: atreve-se, Lewis, a sustentar o contrário?

— Pela barba de todos os sexos, não.

O que eles são é estúpidos, pensava eu, nem merece a pena considerá-los grandes autores.

— Como vês — dizia-me o Gérard de Nerval — tudo isto anda ligado. Fazes dela uma salada, pões-lhe um fio de azeite, sem hesitar tiras-lhe a casca; a sopeira é a minha mulher.

Nem sequer conhece o peso das palavras, pensei.

— Desculpa, mas preço; o preço das palavras — segredaram-me os miolos que sabiam, também eles, o que faziam.

— Miolos calem-se — respondi — que ainda não cristalizastes o bastante.

E diz-me o Hoffmann assim:

— VOLTEMOS AO ESSENCIAL.

E eu:

— Não sei como chegar à fala com ela, não me atrevo.

— Não precisas, sequer, de te atrever — respondeu o Lewis. — Vais tê-la DE TRAVÉS.

— De través, mas a quê? — repliquei. — De momento, quem me atravessa é ela.

Costumam dizer-te que o amor é oblíquo, a vida é oblíqua, o pensamento é oblíquo, tudo é oblíquo. VAIS TÊ-LA QUANDO MENOS ESPERARES.

Escuta só; lá em cima. Não ouves o conluio destas pontes de volúpia, o encontro deste acervo de plasticidade inefável?

Eu sentia a cabeça a rebentar.

([2]) Achim von Arnim (Artaud escreve d'Arnim) é um escritor alemão do século XIX, muito apreciado pelos surrealistas por causa dos seus **Contos Bizarros**; e Lewis, claro, é M. G. Lewis autor de **O Monge**, livro de que existe, por sinal, uma versão do próprio Artaud. (N. do T.)

Por fim compreendi que se tratava dos seus seios, e compreendi que se juntavam um ao outro, e compreendi que era o próprio seio da minha criada a exalar aqueles suspiros tôdos. Também compreendi que ela se deitara no chão de cima para estar mais perto de mim.

A chuva continuou a cair.

Na rua houve cantigas de medonha estupidez:

No meu amor que é modista
O que se come é alpista (bis)
Porque somos toutinegras
Porque somos toutibrancas
No meu amor que é modista
E à janela me conquista
Todo o suor do sovaco
Não me vale um só pataco
De ternura massagista.

Porcos estúpidos, berrei ao levantar-me, que andais a conspurcar o espírito do amor autêntico.

A rua estava deserta. Só a lua prosseguia com os seus murmúrios de água.

Que pingente é o melhor, qual a mais bela jóia, que amêndoa mais depressa se dissolve?

A esta visão sorrio.

Bem vês que o diabo não é, diz ela!

Pois não, o diabo não era, que nos braços eu apertava a criadinha querida.

— Há tanto, tanto tempo que te desejo — diz ela.

E assim foi a ponte daquela grande noite. A lua voltou a galgar o céu, o Hoffmann a enterrar-se na cave, os restauradores regressaram aos lugares, e só houve amor: a Heloísa de manto, o Abelardo de tiara, a Cleópatra de áspide, todas as línguas da sombra, todas as estrelas da loucura.

O amor foi como um mar, como o pecado, como a vida, como a morte.

O amor debaixo das arcadas, o amor no charco, o amor numa cama, o amor como a hera, o amor como um macaréu.

O amor tão grande como os astros, o amor como a pintura, o amor como tudo aquilo que é.

E tudo numa mulher tão pequena, num coração mumificado ao máximo, num pensamento tão restrito embora o meu **pensasse** por dois.

Do fundo de uma insondável loucura, um pintor tomado de vertigem desesperava-se de repente. A noite, porém, era mais bela do que tudo. Os estudantes voltavam para o quarto, o pintor deu outra demão nos ciprestes. Uma luz de fim de mundo a pouco e pouco veio encher-me o pensamento.

Pouco depois já só restava uma enorme montanha de gelo com uma cabeleira loura pendurada.

No círculo interior do reino calcáreo das Imagens,
naquele ponto subtil onde o olhar da consciência projecta,
sem se perder, um extremo fogo,
lá onde o nervo se desprende enfim do pensamento a repousar
sabe Deus em que estratificações astrais,
jaz a MORTE
como derradeiro sobressalto
de um saber
cheio de transes
mas SUSPENSO (3).

---

(3) Embora incluído nas edições actuais de **A Arte e a Morte** como seu fecho, este poema acompanhava apenas o boletim de subscrição da primeira edição desta obra, A L'Enseigne des Trois Magots. Dos restantes textos, nessa altura inédito só era o primeiro, tendo a **Carta à Vidente, Uccello o Pêlo** e **Onde se Malham as Forças** aparecido anteriormente na Révolution Surréaliste; **Heloísa e Abelardo** na N. R. F.; **O Claro Abelardo** nas Feuilles Libres; **O Autómato Pessoal** nos Cahiers d'Art; e **A Vidraça de Amor** na Revue Europeénne. (N. do T.)

Colecção memória do abismo

1 — Poemas in ORPHEU 2 e outros escritos — ÂNGELO DE LIMA
2 — O Funâmbulo — JEAN GENET
3 — O ânus solar — GEORGES BATAILLE
4 — Os prazeres proibidos — LUIS CERNUDA
5 — A arte e a morte — ANTONIN ARTAUD